



GT 33. Enlaces e emaranhados: antropologia, etnografia e culturas populares

Coordenador(es):

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Cultura Popular: narrativas e interpretações

Debatedor/a: Renata de Sá Gonçalves (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2 - Cultura, Folclore e Patrimônio

Debatedor/a: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Debatedor/a: Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

O grupo visa investigar diferentes construções discursivas nos estudos das culturas populares. Busca alargar nossa compreensão de tais estudos ao refletir sobre os enlaces e emaranhados existente entre literatos, antropólogos, estudiosos do folclore, promotores de festejos e de folguedos e demais agentes que ajudaram a um só tempo a conhecer novas realidades e a produzir visões mais ou menos canônicas a seu respeito. Desde os anos 1980, a experiência etnográfica reconfigurou-se na antropologia com a associação mais crítica da pesquisa de campo a sua resultante apresentação escrita. Questionaram-se hierarquias entre pesquisadores e sujeitos enfocados; reconheceram-se estratégias narrativas e recursos ficcionais nos textos produzidos. Com esse ponto de partida, enfocamos a presença da perspectiva etnográfica nos estudos antropológicos das culturas populares, problematizando seus enquadramentos conceituais - arcaísmo, primitivismo, sobrevivência; cooptação, resistência, resgate; dinâmica, circuito ou patrimônio culturais; conhecimentos e territórios tradicionais, entre outros. Por culturas populares entendemos um ambiente sociocultural heterogêneo com especificidades históricas, regionais, religiosas, étnico-raciais, no qual estão em jogo mediações, inovações e múltiplas redes de relação e trocas culturais, distintas formas rituais e expressivas. Trata-se, entretanto, de focar especialmente os registros documentais e a produção bibliográfica resultante de tais estudos.

O Barro de Sempre: Narrativas e discursos no fazer artístico no barro do Alto do Moura em Caruaru-PE

Autoria: Mateus Mota de Lima (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

No work em questão buscaremos discutir como são formuladas novas narrativas referentes às peças de barro produzidas no bairro do Alto do Moura, localizado do agreste pernambucano, na cidade de Caruaru. Nesse sentido, evidenciaremos uma nova geração de artesãos e artistas da comunidade que buscam através da experiência com o grotesco e o fantástico, produzir novas narrativas que vão de contra ao figurativismo tradicionalmente fixado no fazer artístico no barro com o Mestre Vitalino e seus bonecos. Para exemplificar esse conflito utilizaremos dois eventos que aconteceram na segunda metade do ano de 2019, sendo o primeiro a Bienal do Barro de Caruaru, iniciada em 17 de outubro, com o tema ?Nem tudo que se molda é barro?, e no mesmo momento, analisaremos a performance BarroEco, realizada um dia antes do início da bienal, que se caracterizou como uma construção coletiva de artistas e artesãos locais visando provocar reflexões acerca do fazer artístico no barro, e principalmente, protestar contra o fato de que a referida bienal, teria início sem que nenhuma obra ou artista do Alto do Moura, marcasse presença no que seria o ?Núcleo Contemporâneo? da exposição. A partir desses eventos discorreremos sobre o processo de reformulação de



tradições presentes na dinâmica da arte no barro no Alto do Moura, ao mesmo tempo que buscaremos debater, a luz de estudos sobre cultura popular, como são construídos e fixados certos discursos no campo das manifestações artísticas populares.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: